

1º "O q̄ indica que inexiste uma *atual ideal*",
como diz Buto e que o *evento crucial* é a
interação entre as partes. O limite desta operação
é *deduzido pela própria ação de influência do plano*.
Quando executamos a ação de deslocamento da parte móvel e definimos,
ou melhor, determinamos uma entre tantas possibilidades de conformação
que a obra oferece, a potência poética torna-se fato plástico, real e
incisivo. Contém, no instante mesmo do seu surgimento, todas as demais
possibilidades de organização anteriormente ponderadas pelo espectador.

*O elemento móvel, repete, por vezes, o dilema do limite, pois q̄ ali é
sua de influência do plano*
Esta mesma operação mental de amontoar simultaneamente as inúmeras
possíveis configurações da obra e embuti-las na ação decisiva que dará os
contornos da peça espelha a ação originária do artista que, no dizer de
Naves, ao submeter um elemento a contornos severos o retira da indiferença
que a ausência de limites produz.

Quando
Quando eu executo a ação de deslocamento do elemento móvel da peça e
determino a sua atual posição eu ativo nesta conformação (atribuída ao meu
gesto) todas as demais conformações que a obra pressupõe. (No entanto,
esta operação ocorre somente no momento em que ao eleger uma entre
tantas eu reafirmo a interação da parte com o todo.

*O ato de deslocar o elemento móvel da peça -
afirmando naquele *fraseado* de tempo uma
determinada configuração - contém em si mesmo
condensando todas as demais
conformações latentes
que a obra pressupõe.*

*uma condição trazida por Buto,
indica que ~~mas há~~ inevitável uma *atual ideal*,
que o *quest* que são inúmeras as *caracterizações**

*O ato de deslocar o elemento móvel da peça -
& afirmando naquele *fraseado* de tempo uma
determinada configuração - amplia o campo
de percepção condensando em si as demais
conformações que a obra pressupõe. Uma das
eleger uma entre tantas operações*